

O Cinema como representação da identidade cultural

Carlos Rafael Braga da Silva e Leonardo de Freitas Onofre

Resumo:

O artigo tem por objetivo demonstrar as influências do Cinema Novo, demonstrando que ele se enquadra como forma de representação da identidade cultural, e sua capacidade de gerar reflexão crítica, estando aí sua dimensão pedagógica. Para realizar essa tarefa faz-se o uso do filme Deus e Diabo na Terra do Sol e do Manifesto estética da Fome como fontes históricas e recurso pedagógico, tratando da cultura e da história nos anos de 1960.

É possível trabalhar essa obra do Glauber pedagogicamente, pois há um diálogo entre os personagens que possibilita perceber a identidade daquele determinado núcleo social e suas mudanças. Concluindo, neste filme as identidades de alguns personagens sofrem transformações ou adquirem outras características diferentes, e isso ajuda na formação de uma nova identidade cultural.

Abstract:

This article has how objective show “Cinema Novo’s” influence, making the reader understands that this is a way to represent the cultural identity, and show that it has capacity to produce critic reflection, being here the pedagogic dimension. For realize this job, were used the movie: “Deus e o Diabo na Terra do Sol” and “Estética da Fome’s Manifest” like historic search and pedagogic recourse, treating of 1960’s culture and story.

Is possible work with this Glauber’s movie because there is a dialog between personages, and this dialog consent understand the identity of this determinate social group and their changes. Concluding, in this movie the identities changes, suffer transformation or acquire different characteristics, and this help for new cultural identity’s formulation.

Palavras chave:

Cinema, Identidade, Cultura

Cinema, Identity, Culture

Hoje não se discute o papel dos meios de comunicação como mecanismos de propagação e representação do campo social. O problema é até onde essa representação é legítima, e de onde parte o interesse para que essa representação produza discursos em torno da identidade cultural. A tentativa de esboçar uma relação entre cinema e identidade cultural parte do pressuposto de que o cinema é inegavelmente uma atividade cultural importante no sentido de reflexão de um determinado segmento social, ou até mesmo de vários segmentos, que vêm na tela não só entretenimento, mas também um espelho ficcional de seu cotidiano, de seus anseios, de seus problemas, de suas emoções e até mesmo de seus sonhos.

A identidade também pode ser vista pelo ponto de vista das constantes mudanças do ponto de vista ideológico. A identidade é o discurso, ou os discursos, que uma sociedade produz ao longo de um determinado período sobre si mesma, aquilo que ela mostra de si, sua história, seus mitos e seus heróis. Um determinado grupo possui necessidades que mudam com o tempo, com isso, a maneira de representar a identidade também sofre alterações e transformações, permitindo a um grupo se reconhecer como tal.

É preciso discutir como esses discursos produzidos pelo cinema estão relacionados com a identidade cultural de um determinado grupo. Por essa razão, a tentativa de esboçar a relação entre cinema e identidade cultural foi à busca de filmes que expressem o cinema como uma atividade cultural importante para a identidade de um determinado corpo social, ou seja, com a utilização do cinema como objeto de reflexão. Para isso, partiremos de uma das obras de Glauber Rocha (*Deus e o diabo na terra do Sol*), um dos percussores do Cinema Novo e uma das maiores expressões do Cinema brasileiro.

O filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol* mostra um Brasil faminto, oprimido, injustiçado e religioso, retratado de uma forma diferenciada e inovadora do ponto de vista estético. Neste filme a temática do rural sertanejo é submetida à narrativa popular, uma vez que o narrador é um cantador de cordel.

O olhar de Glauber neste filme era voltado à cultura nacional. Isso é perceptível nos cortes e descontinuidades encontrados no filme, que nos fazem lembrar o modo de falar dos sertanejos. Para Glauber a cultura popular não era apenas o tema do filme, mas também um modo de ver que é absorvido e incorporado pelas câmeras.

Neste filme é possível perceber dois eventos históricos que demonstram uma relação entre cinema e identidade cultural. O primeiro ocorre quando o casal de sertanejos (Manoel e Rosa) se vê obrigado a abandonar sua casa e a viver na ilegalidade, atravessam o sertão e se envolvem com o massacre de uma comunidade religiosa, nos lembrando do episódio de

Canudos. O segundo evento ocorre quando levados pelo cantador de cordel, conhecem Corisco e seu bando de cangaceiros, que lutam até a morte, da mesma forma que Lampião.

Considerando-se que o Cinema faz parte dos mecanismos de representação cultural de um determinado grupo, expressando assim também o modo como esse grupo se vê, fica impossível não incluir o cinema no rol dos meios de comunicação que influenciam nessa construção de identidade.

O cinema Novo, que se consolidou com o auxílio do filme Deus e o Diabo na terra do Sol, foi um movimento de renovação artística e cultural, que visava criar um novo cinema brasileiro, que fosse esteticamente original, que consolidasse uma identidade nacional frente ao panorama internacional e que promovesse uma consciência social dos estratos mais baixos da sociedade.

A diferença social é um dos temas mais recorrentes nas artes brasileiras, refletindo as desigualdades da nossa estrutura social. O Cinema brasileiro é um bom exemplo dessa tradição de representação cultural sobre a nação. Os cineastas desejavam levar para as telas imagens que de alguma forma chocassem, que dessem conta de outro lado do Brasil que nunca era representado: sertão nordestino, as favelas cariocas, o submundo paulistano. Cada imagem possuía de certa forma uma proposta estética para o cinema brasileiro, que ganhou nome no famoso manifesto de Glauber Rocha, A estética da fome.

No manifesto Estética da Fome, Glauber expõe as razões e o porque na necessidade de um novo rumo no Cinema, segundo um cinema reflexo da condição de subdesenvolvimento:

*“Nós compreendemos esta fome que o europeu e o brasileiro não entendeu. Para o europeu, é um estranho surrealismo tropical. Para o brasileiro, é uma vergonha nacional. Ele não come, mas tem vergonha de dizer isto; e, sobretudo, não sabe de onde vem esta fome. Sabemos nós - que fizemos estes filmes feios e tristes, estes filmes gritados e desesperados onde nem sempre a razão falou mais alto, que a fome não será curada pelos planejamentos de gabinete e que os remendos do tecnicolor não escondem, mas agravam os tumores. Assim, somente uma cultura da fome minando suas próprias estruturas, pode superar-se qualitativamente: e a mais nobre manifestação cultural da fome é a violência.” (ROCHA, G. 2006: 65-66).*

Segundo Glauber, a violência como estética é a única arma que o colonizado tinha para lutar contra a cegueira do colonizador:

*“onde houver um cineasta disposto a filmar a verdade, e a enfrentar os padrões hipócritas e policiarescos da censura intelectual, aí haverá um germe vivo do*

*Cinema novo. Onde houver um cineasta disposto a enfrentar o comercialismo, a exploração, a pornografia, o tecnicismo, aí haverá um germe do Cinema Novo. Onde houver um cineasta, de qualquer idade ou de qualquer procedência, pronto a por seu cinema e sua profissão a serviço das causas importantes de seu tempo, aí haverá um germe do Cinema Novo. A definição é esta e por esta definição o Cinema Novo se marginaliza da indústria porque o compromisso do Cinema Industrial é com a mentira e com a exploração”. (ROCHA, G. 2006: 67).*

É na Estética da Fome que a revolta do oprimido se manifesta por completo. É a violência como revolta dialética do oprimido. O confronto ideológico-histórico entre colonizador e colonizado, através de uma estética que valoriza a linguagem do oprimido e que nega a cultura dominante. A fome como um indicador dos sintomas trágicos, como denunciador de uma moral burguesa opressora. A imagem quase sempre como um espelho do reflexo da miséria, uma miséria institucionalizada, sentida na maior parte, mas ignorada. A fome passa a ser um ingrediente revolucionário idealizado por Glauber, vista através de um olhar além da política e da moral: o campo estético.

Glauber busca a identidade do homem brasileiro nos “depósitos culturais”, como as lendas e os cantos populares do Nordeste. A intenção é de formular a linguagem original de uma cultura própria, rica e ao mesmo tempo sem identidade estabelecida. Todo o conhecimento referente ao Brasil deveria ser sentido no plano estético, nesse sentido os mitos populares vão assumir importante relevância, assim como as criações coletivas misturadas a uma tentativa de entender uma realidade nordestina.

#### Bibliografia:

- CARDOSO, Fernando Henrique – WEFFORT, Francisco C. – MOISÉS, José Álvaro. Cadernos do nosso tempo - nova série - cinema brasileiro. Funarte, 2001
- CARDOSO, Fernando Henrique – WEFFORT, Francisco C - MOISES, José Álvaro. Cinema e sua relação com a identidade Cultural.
- FERNÃO, Ramos. História do cinema brasileiro. São Paulo: Art moderna, 1987.
- ROCHA, Glauber. A Revolução do Cinema Novo. São Paulo: Cosacnaify, 2006.
- ROSSINI, Miriam de Souza. O corpo da nação: imagens e imaginários no cinema brasileiro. Revista Famecos. N°34 - dezembro de 2007.
- ROSSINI, Miriam de Souza. O cinema da busca: discursos sobre identidades culturais no cinema brasileiro dos anos 90.
- TEREZA, Ventura. Apolítica poética de Glauber Rocha. Funarte, 2000.

TOLENTINO, Célia Aparecida Ferreira. O rural no cinema Brasileiro.

VENTURA, Tereza. A Estética Política de Glauber Rocha.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. 3ed., vol.3. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.